

VIII Simpósio Nacional de História Cultural
**MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA
CULTURAL**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

**UFG-REUNI: IMAGENS INSTITUCIONAIS: UMA PERSPECTIVA
IDENTITÁRIA DA UFG A PARTIR DO PROGRAMA DE APOIO A
PLANOS DE REESTRUTURAÇÃO E EXPANSÃO DAS
UNIVERSIDADES FEDERAIS (2006-2013)**

Maria Imaculada Correia de Miranda*

INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Goiás (UFG) foi criada pela Lei no. 3.834 C, de 14 de dezembro de 1960. A UFG tem por objetivo produzir, sistematizar e transmitir conhecimentos, ampliar e aprofundar a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, com o objetivo de contribuir para a existência de uma sociedade mais justa, em que os cidadãos se empenhem na busca de soluções democráticas para os problemas nacionais. Os registros disponibilizados no site da UFG informam que, de acordo com dados levantados até novembro de 2015, a instituição é composta de cinco regionais, localizadas nas cidades de Goiânia, Catalão, Jataí, Cidade de Goiás e Cidade Ocidental (em implantação), sendo que o Campus de Aparecida de Goiânia integra a Regional Goiânia. Ainda quanto à estrutura e força de trabalho, a página institucional pontua que atualmente a UFG conta com 2.350 (dois mil e trezentos e cinquenta) servidores técnico-administrativos, 2.935

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História/PPGH/UFG (Turma 2017/1)

(dois mil e novecentos e trinta e cinco) professores efetivos, 23.362 (vinte três mil e trezentos e sessenta e dois) estudantes de graduação presencial, 150 (cento e cinquenta) cursos de graduação, 62 (sessenta e dois) mestrados e 31 (trinta e um) doutorados. Neste sentido, é possível suscitar reflexões sobre o marco de crescimento institucional (período 2006-2013), a partir do aporte de capital originado pela adesão da UFG ao REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

O REUNI foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, como parte das ações que integraram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com o objetivo principal de ampliar o acesso e a permanência na educação superior por meio de uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovessem a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. As ações do programa contemplaram o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, dentre outras metas, com o propósito de diminuir as desigualdades sociais no país.

Destarte, como resultado da adesão ao REUNI, a UFG iniciou uma fase de transformações, não só físicas, como também do capital humano e simbólico, de modo que, em razão de tal adesão, passou a trabalhar na reestruturação de seus projetos acadêmicos, na aquisição de equipamentos, na realização de concursos públicos para contratação de servidores docentes e técnico-administrativos, no planejamento estratégico e na execução de obras necessárias para que ocorresse a completa implantação do REUNI. Tais implantações, quanto ao aspecto físico, representaram um aumento de 90% na área construída da UFG e proporcionou uma possibilidade única de crescimento da instituição, posto que viabilizou que grandes obras físicas fossem inauguradas, novos equipamentos adquiridos e a quantidade de cursos oferecidos ampliada, garantindo a duplicação da oferta de vagas em seus processos seletivos.

Assim sendo, como resultado da adesão da UFG ao REUNI temos uma instituição transformada, e que segue em transformação. Logo, embora em alguns contextos tenhamos mudanças que ficaram inacabadas, existem factualmente novos cenários institucionais e, principalmente, novos sujeitos do processo de construção da história e da memória da UFG. Outrossim, a despeito de registros históricos, memórias e afins, na base dessas transformações vislumbramos diferentes sujeitos e as múltiplas identidades envolvidas nesse processo de crescimento institucional de modo que,

considerando o imaginário e os discursos sobre o fato de existir “uma UFG antes” e “uma UFG depois do REUNI”, entendemos que precisamos ir um pouco além nas pesquisas sobre o tema com o intuito de construir outras narrativas sobre a instituição a partir desse momento histórico da UFG, de modo que possamos ir além dos dados institucionais precisos e numéricos.

Nesse sentido, buscaremos informações sobre essa transição institucional que possam ser norteadas especialmente por meio de imagens institucionais que revelem as tantas identidades, memórias e sensibilidades envolvidas no processo em curso posto que entendemos que, caso os critérios de análise da história e memória da UFG sobre o tema permaneçam puramente numéricos (base da maioria dos registros existentes sobre o REUNI), teremos como resultado um distanciamento de uma problematização e crítica mais aprofundada sobre o tema em tela. Assim sendo, essa pesquisa pretende se utilizar de fontes escritas e iconográficas, com foco no uso de imagens institucionais (fotografias) que contribuam para formação da memória com foco nas multiplicidades discursivas do processo.

Destarte, este estudo tem a intenção de suscitar a construção de uma reflexão mais ampliada sobre o processo de “transformação estrutural” da Universidade Federal de Goiás como resultado associado à adesão ao REUNI. Para isto, partiremos da ideia de levantamento dos registros produzidos institucionalmente, sejam na forma de linguagem verbal, iconográfica, simbólica e escrita, as quais possam contribuir para a formação e manutenção da memória, permitindo, conseqüentemente, uma visualização mais pormenorizada da UFG, com fins de desenvolvermos uma análise pontual a partir dos dados e das informações decorrentes do que vemos recorrentemente ser denominado como “processo evolutivo”.

Assim, procuraremos conceder um espaço em nossa discussão teórico-metodológica para observarmos as transformações dos espaços físicos e simbólicos da universidade, tendo como eixo central e como cerne do estudo, evidentemente, os sujeitos históricos envolvidos nesse processo. Daremos ênfase, dentre outros, àqueles sujeitos, imagens e narrativas que atualmente componham a força de trabalho e o cotidiano institucional, tais que forjam a identidade dessa UFG que vem sendo transformada e forjada em razão dos aportes financeiros trazidos pelo já citado REUNI. Sabemos que alguns dos sujeitos históricos e que integram esse processo seguem ativos na instituição, enquanto outros tantos, em razão de aposentadoria e processos outros, não ocupam mais

fisicamente o espaço da UFG, no entanto também esses terão espaço neste estudo para que seja evidenciado o imaginário consubstanciado por tantos outros agentes que de algum modo imprimiram em si uma marca, seja em forma de memória ou de reestruturação na história institucional que está em desenvolvimento.

Deste modo, com esta pesquisa, na medida em que intencionamos contribuir para a formação da memória organizacional, dando ênfase aos sujeitos, memórias, identidades e sensibilidades do processo, também pretendemos, por meio de análises comparativas, buscar o estabelecimento de um nexo causal entre a transformação institucional (produzida pela adesão ao REUNI) e a realidade atual da UFG que, a despeito de quaisquer estatísticas, tem a responsabilidade cotidiana de sustentar todos os resultados desencadeados pelo que aí está posto.

UFG, MEMÓRIA E IDENTIDADE

A identidade de uma instituição pode ser melhor percebida pelo modo como a mesma está estruturada física, econômica, simbólica ou historicamente. Ou seja, a valorização da identidade institucional pode estabelecer-se e reverberar-se também por meio das diferentes formas de enunciação e legitimação dos registros históricos, as quais revelam tanto a trajetória institucional, quanto o retrato historiográfico dos contextos, pessoas e situações que a representam. Por se tratar de matéria ou tema um tanto incipiente, entendemos ser válido um estudo como esse proposto especialmente quando teremos como objeto uma instituição de ensino superior (UFG) e como campo a memória e a história cultural desse local.

Ademais, podemos dizer que no caso de instituições como a UFG que, principalmente na última década, vivenciou um processo de expansão em razão da adesão ao REUNI, o estudo da história, da memória e da identidade institucional pode vir a contribuir com a organização e a sistematização de registros históricos que narram essa transformação em curso bem como podem, efetivamente, colaborar tanto com a continuidade, quanto com a qualidade de crescimento da instituição. Diante disso, Bloch (2001) defende o conceito de que não é possível assimilarmos o presente sem estudar o passado, assim como defende também que não é possível compreender o passado sem estudar o presente. E é essa ideia que nos sugere que o conhecimento das diferentes fases (passado-presente) possibilita melhores ações no tempo presente.

Quanto ao tempo presente da história da UFG, este é marcado pelo desafio de manter e dar continuidade ao que foi conquistado nesta última década. Tendo em vista que sem memória não existe história, e que a história refletirá por meio de representações simbólicas a identidade de um povo, do seu tempo e dos seus processos, inferimos que a ausência da memória resulta na perda de referência o que, conseqüentemente, agrava ou prejudica a formação da identidade. Por isso agora nos perguntamos: O que realmente somos hoje? Por que somos assim? Como agiremos diante do que nos tornamos? Com vistas a questões semelhantes a estas, Halbwachs (2006, p. 29) diz que sempre “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós”. É então que, seguindo na direção aos testemunhos e com ênfase em imagens institucionais, nossa intenção é estudar sobre a memória, cultura e identidade da UFG com foco nas transformações resultantes da adesão da instituição ao REUNI.

Por outro lado, como já afirmamos acima, entendemos não ser inteiramente possível falar da história dessa instituição somente sob a perspectiva dos relatos numéricos contidos nos relatórios de gestão institucionais ou, ainda, com base em dados governamentais. Posto que todo ser humano é um agente da História, o registro da memória e a formação da identidade institucional passará também por dar voz e rosto aos sujeitos históricos que vivenciaram e ainda vivenciam um tempo que está em curso. Então, temos em consideração que a História Cultural, por sua característica interdisciplinar poderá abrigar e mediar o debate aqui proposto, tendo em vista que história cultural traz a possibilidade de estudo do trabalho e instituições em perspectivas que vão além das discussões tradicionais sobre o tema e posto que esse estudo pretende ter como norte a articulação dos diferentes elementos culturais, materiais e simbólicos que compõem o cotidiano da UFG, sob os quais a instituição e seus indivíduos convivem e retratam sua relação com o mundo e com os outros.

Ao falarmos sobre elementos associados à história, memória, sensibilidades, identidade e imaginário social, pontuamos que a presente pesquisa tem o intuito de trazer novos elementos sobre o tema de modo a somar com outros registros institucionais sobre o assunto em tela, agora com ênfase nos sujeitos históricos do processo. Para tanto, em consonância com a linha de pesquisa citada, buscaremos fazer o levantamento e o manejo crítico de imagens e discursos situados em diferentes espaços e tempos da UFG e, de

modo especial, utilizaremos as fotografias e os relatos já existentes para subsidiarem a composição de dados que ainda são desconhecidos, o que estabelecerá uma conexão dialógica e imagética entre o que a UFG foi antes do REUNI e o que ela se tornou depois do plano de expansão e reestruturação institucional.

Buscaremos pois, ressaltar e colocar em evidência alguns “retratos da realidade” institucional, expondo os elementos humanos que sempre transcendem aos dados numéricos dispostos em planilhas e acessíveis nos arquivos e sistemas informatizados institucionais. No entanto, paradigmaticamente, não ignoramos o fato de que são os elementos numéricos que em princípio nortearão a análise comparada dos discursos que se encontram disponibilizados em suportes escritos, iconográficos, simbólicos e orais.

Por isso é que, por exemplo, a relação entre a história-conhecimento e a fotografia será pautada, dentre outros, em autores como Kossoy, para o qual “a fotografia é uma forma de expressão cultural”, o qual em sua obra *Fotografia & História*, afirma que “o mundo tornava-se familiar devido a multiplicidade de retratos e temáticas possíveis pela câmera escura”. Logo, tendo em vista a denominada Revolução Documental, desde meados do século XX as imagens passaram a se constituir fontes documentais e objetos de pesquisa no campo científico, de modo que a imagem passa a apresentar relevância como fonte histórica segundo a tradição da História Social e Mentalidades, na qual dá-se voz a fontes diferentes ou alternativas, ou seja, fontes que não sejam exclusivamente oriundas da tradição escrita. Nesse sentido, Kossoy (2001) afirma que

a fotografia é portadora de um discurso na medida em que se presta a traduzir um instante repleto de intencionalidades. Possui, portanto, finalidade documental, considerada meio de expressão, informação e mesmo representações.

Ainda, acerca da utilização de imagens fotográficas no campo da análise histórica, buscaremos estudar as concepções de Didi-Huberman, Walter Benjamin e Peter Burke com o intuito de ampliar a compreensão de como a fotografia pode trazer consigo possibilidades de atravessar fronteiras de espaço e tempo, acumulando os sentidos que lhe vão sendo atribuídos ao longo do caminho.

Dessa forma, esta pesquisa tem finalmente a intenção de, por meio do uso de recursos escritos e principalmente iconográficos, contribuir para formação da memória da UFG, tendo em vista evidenciar e produzir dados que permitam uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento institucional, especialmente quanto aos

sujeitos históricos, suas sensibilidades e identidades envolvidas nessas transformações. Por fim, nossa intenção (ou talvez pretensão) é produzir uma discussão que possa ser utilizada para visualizar, com base em sensibilidades, o caminho percorrido pela UFG após a adesão ao REUNI.

HIPÓTESES

A despeito do processo de desenvolvimento e expansão estrutural da UFG, e de determinados registros que versam sobre isto, defendemos a hipótese de que a memória institucional carece de um levantamento que possa apresentar, aos próprios agentes institucionais e comunidade externa, um estudo composto de imagens dos sujeitos históricos, suas vivências e discursos envolvidos no processo de expansão e reestruturação da UFG via REUNI.

Logo, esse estudo trabalha com a hipótese de utilizar imagens institucionais numa perspectiva histórica, de modo, que por meio de conceitos como memória, passado, história, testemunho, imaginário, representações, realidade sensível, interculturalidade, representação visual, etc, possamos vislumbrar os múltiplos sujeitos históricos e identidades envolvidas no processo em tela, bem como articular os caminhos não visualizados da diversidade cultural presente nessas transformações. Nesse sentido, como nos propõe Halbwachs (2006, p. 30) o passado, que encontra abrigo na memória individual ou coletiva, faz com que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”.

Sugerimos ainda, como segunda hipótese a questão de que, se os aportes financeiros trazidos pelo REUNI, por um lado, permitiram a evolução dos espaços físicos e da infraestrutura da UFG, por outro, os recursos direcionados pelo programa podem, preliminarmente, não ter contemplado a contento *toda* a comunidade institucional, essa que não tem sido de todo retratada nos registros apresentados sobre o tema em pauta.

Ainda, ao pensarmos a importância da memória e da identidade, apontamos a terceira hipótese do estudo ora proposto, a qual pretende, especialmente por meio do uso de registros fotográficos, permitir uma observação sensível e cuidadosa das rupturas, continuidades e sobreposições arrastadas no âmbito das alterações institucionais, sociais e culturais da UFG; de modo a ser possível uma maior compreensão dos fatos, sujeitos e tempos históricos, o que primordialmente os registros fotográficos/imagens institucionais

podem colaborar para revelar, na medida em que podem melhor expor as tantas identidades culturais da UFG.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, sugerimos a realização de um estudo com foco na memória e identidade, registros fotográficos e elementos afins, tendo em vista resultar na composição de análise comparativa e iconográfica sobre os cenários e sujeitos históricos da UFG e suas transformações produzidas a partir da adesão ao REUNI. Logo, em uma tentativa de compreender a relação entre História e Memória no contexto da UFG pós REUNI, nos esforçaremos por pensar a memória individual sempre a partir da constituição da memória coletiva, partindo do entendimento das ideias de Maurice Halbwachs (2006, p. 42), que afirma que “não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo”. Assim, a percepção individual da sociedade, da cultura e da própria história é norteadas por diversos elementos do pensamento social. Nesse contexto, também autores como Le Goff (2006), Ricoeur (2008) e Candau (2011) servirão inicialmente de aporte para subsidiar as discussões sobre a construção da memória.

De modo complementar, temos igualmente o intuito de encontrar elementos que permitam maior aprofundamento sobre imagem e discurso, como também história e fotografia. Assim, proporemos o estudo das concepções de Kossoy (2001), Rouillé (2009) e Andrade (2002). Quando do trabalho que envolvam os discursos dos sujeitos históricos a serem pesquisados, inicialmente buscaremos norte por meio de estudos de Thompson (1992), Foucault (2002) e possivelmente Bachelard (2005). Ainda, acerca da utilização de imagens fotográficas no campo da análise histórica, buscaremos suporte por meio de estudos das concepções de Didi-Huberman, Walter Benjamin e Peter Burke. No mais, trabalharemos também para ampliar o entendimento da pesquisa histórica propriamente dita, bem como as relações entre o historiador e as fontes, como nos apresenta Bloch (2001).

TIPOLOGIA DAS FONTES

As fontes que nortearão essa pesquisa serão de tipologias variadas, a saber: 1) material textual, como já citado, especialmente relatórios, planos e cadernos de gestão instituição; 2) dados institucionais alimentados em sistemas da UFG, a maioria desses

sistemas abrigados no Portal UFGNet; 3) fotografias e outros tipos de imagens institucionais disponibilizadas no Cidarq, revistas, jornais da UFG e afins, além de outras imagens que serão produzidas ao longo da pesquisa e outras que serão buscadas em acervos pessoais de servidores ativos e inativos; 4) fontes orais, tendo em vista que intencionamos considerar os relatos orais dos sujeitos da instituição (ativos e inativos) no processo de análise e desenvolvimento dessa pesquisa.

Imaginamos que, pela amplitude e suposta relevância da proposta, não haverá problemas significativos com o levantamento dos dados de natureza quanti-quali oriundos das fontes anteriormente mencionadas. Pelo contrário, entendemos que teremos disponibilidade extensa de fontes e referências, de modo que esse estudo nos parece, embora altamente desafiador, absolutamente possível de ser realizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – FONTES

Fontes

Resoluções CONSUNI/UFG, ano de 2007, originárias da adesão ao REUNI. Disponíveis no Portal UFGNet <https://www.ufg.br/n/63397-resolucoes>. Acesso em 15 de maio de 2016.

Referências

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. 2ª ed. - São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2005.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. [Tradução Antônio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio] – 1ª ed. 1989, 7ª tiragem 2005 - São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção tópicos)

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. - 8ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. - Coleção tópicos)

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 1ª ed. - São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Jacques Le Goff; tradução: Bernardo Leitão [et al.]. - 5ª ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Paul Ricoeur; tradução: Alain François [et al.]. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. André Rouillé; tradução: Constância Igrejas. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

George Didi-Huberman (O que vemos, o que nos olha e Diante da Imagem).

Peter Burke (Testemunha Ocular. História e Imagem).